

JN

Jornal de Notícias
Fundado em 1888



**PORTO SAPADORES
TECNOLOGICOS**

P. 16 e 17

**GRÁTIS
COM O JN
DIA 25**

**EDIÇÃO EXTRA
DO 25 DE ABRIL
DE 1974**

**MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS
DESENCADEADO EM TODO O PAÍS**

**EDIÇÃO ESPECIAL
JORNAL DE NOTÍCIAS**

idealista
A app
imobiliária
líder em
Portugal

PUBLICIDADE

Sporting 3-0 V. Guimarães



**UMA FARTURA DE GOLOS
E UM NICO DE ALEGRIA**

Se as águias não vencerem hoje em Faro, leões podem ser campeões no Dragão P. 33 e 34



Casa Pia 1-2 F. C. Porto

**Benfica Schmidt dá Liga como perdida
mas quer voltar à luta em 2024/25** P. 36

Milhares de doentes tratados a mais de uma hora de casa

Decisão do SNS devido à escassez de vagas dificulta visitas de familiares

Rede de Cuidados Continuados em saúde mental é débil e quase inexistente no Interior P. 6 e 7

Juízes impedem pais divorciados de mudarem filho de escola todos os anos

Inclusão Apartamentos para jovens em risco duplicaram desde 2020 P. 4

Europeias Socialistas apostam forte com Assis e Medina P. 8 e 9

Relação obriga Tribunal de Família a adotar decisão que proteja estabilidade do menor P. 12

País Basco Herdeiros da ETA igualam nacionalistas em deputados eleitos P. 24

Apartamentos para jovens em risco mais do que duplicaram nos últimos três anos

Existem 79 respostas de autonomia com capacidade para acolher 350. Solução apoia-os na transição para a vida adulta

Inês Malhado
ines.malhado@jn.pt

ACOLHIMENTO Desde 2020, foram construídos mais 44 apartamentos de autonomização para acolher jovens em risco, ajudando-os no lançamento para a vida adulta. Este tipo de resposta no sistema de acolhimento residencial mais do que duplicou nos últimos três anos, passando de 35 para os atuais 79 espalhados pelo país, sob a alçada da Segurança Social, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e Casa Pia de Lisboa. Em 2022, 164 jovens residiam nestes apartamentos.

O investimento em apartamentos de autonomização, promovido pelo anterior Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, permite que estes jovens não sejam largados na rua no momento seguinte a saírem de uma casa de acolhimento, o que é um problema sério, uma vez que

muitos não têm retaguarda familiar. O Governo socialista implementou novas regras de organização e funcionamento do sistema de acolhimento residencial.

Os apartamentos de autonomização destinam-se a jovens com 15 ou mais anos de idade sinalizados ou residentes em casas de acolhimento, com vista à sua transição para a vida ativa e independente, de forma autónoma, mas com o devido acompanhamento. Podem acolher sete jovens no máximo, de preferência três, de acordo com o diploma, publicado no ano passado. A estes jovens é garantido apoio na integração nos estudos, na formação profissional ou no emprego.

ALARGAR AO RESTO DO PAÍS Só de 2022 para 2023, passaram a existir mais 29 apartamentos com este propósito. João Pedro Gaspar, presidente da Plataforma de Apoio a Jovens (Ex)Acolhi-

dos (PAJE), aponta que esta solução é “fundamental” para o bem-estar dos jovens, saudando o facto de os apartamentos de autonomia já não estarem apenas concentrados em Lisboa.

“O que é que um jovem de 17 anos que é retirado da família por absentismo escolar vai conseguir ter numa casa de acolhimento? Vive numa revolta maior, porque sente que é quase como um castigo. O alargamento da rede de apartamentos de autonomia pelo país vai permitir que muitos jovens possam experienciar uma vivência numa autonomia acompanhada”, sublinha aquele responsável.

Atualmente, estes apartamentos têm capacidade para acolher, no total, 350 jovens, quando, em 2020, havia lugar para apenas 141. Embora ainda não seja conhecida a taxa de ocupação, a expectativa é de que 2024 seja mesmo o ano em que esta capacidade conseguirá

estar a ser aproveitada ao máximo. O objetivo de promover o acolhimento familiar como primeira linha de resposta, em detrimento da institucionalização, especialmente para as crianças mais novas, tem ficado muito aquém em Portugal face a outros países europeus.

Das 6347 crianças à guarda do Estado em 2022, 51% tinham 15 ou mais anos, segundo o último Relatório CASA. Nesse ano, apenas 5% dos jovens dessa faixa etária em situação de acolhimento residiam nos apartamentos de autonomia.

A maior parte destes jovens chegam aos apartamentos quando estão em situação de acolhimento há mais de quatro anos, tendo passado, até então, por diferentes respostas. Ainda assim, em 2022, cresceu de forma acentuada o número de jovens que entrou diretamente nestes apartamentos, onde ficam, em média, dois anos. ●

ACONSELHAMENTO

Apoiar mais famílias para prevenir retiradas

Nos últimos três anos, abriram portas mais 24 centros de apoio familiar e aconselhamento parental para apoiar famílias em risco psicossocial ajudando-as a desenvolver competências parentais para, de uma forma preventiva, evitar a retirada da criança ou jovem. De 2020 para 2023, o número de centros a funcionar no território nacional passou de 173 para 197, acompanhando um total de 4620 famílias. Com esse reforço, foi possível apoiar mais 150 famílias. Em 2023, o anterior Governo socialista promoveu o investimento na criação de mais 15 centros de apoio familiar, que entrarão em funcionamento durante este ano e deverão ter a capacidade para acompanhar, no total, mais 1200 famílias. De acordo com o último Relatório CASA, relativo ao ano de 2022, grande parte das retiradas de crianças e jovens às famílias surge na sequência de situações de negligência, destacando-se os casos de falta de supervisão e de acompanhamento familiar. Seguem-se as situações de maus-tratos psicológico, sobretudo pela exposição a violência doméstica. Nesse ano, entraram no sistema de acolhimento 2228 crianças e jovens.

SABER MAIS

164

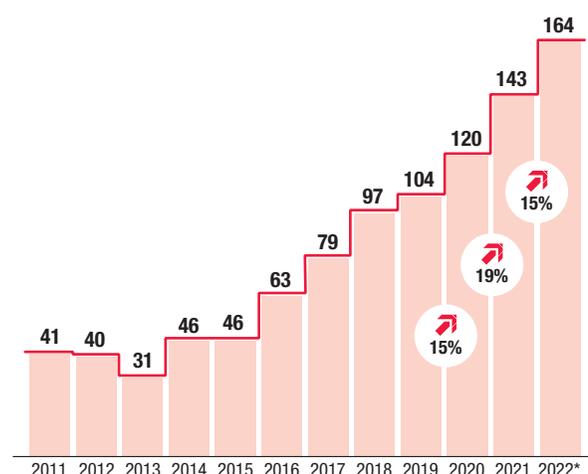
jovens estavam, em 2022, no sistema de acolhimento, residindo em apartamentos de autonomização. Nesse ano, existiam 50 apartamentos pelo país.

350

é atualmente a capacidade máxima de acolhimento de jovens nos 79 apartamentos de autonomia que existem em Portugal.

Jovens em apartamentos de autonomização

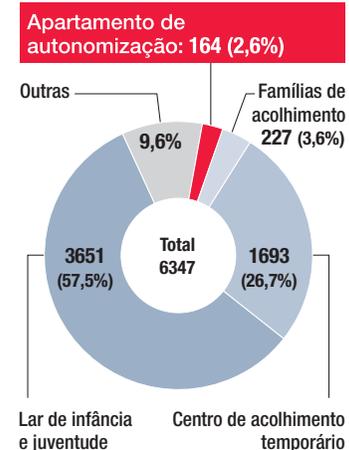
Varição face ao ano anterior

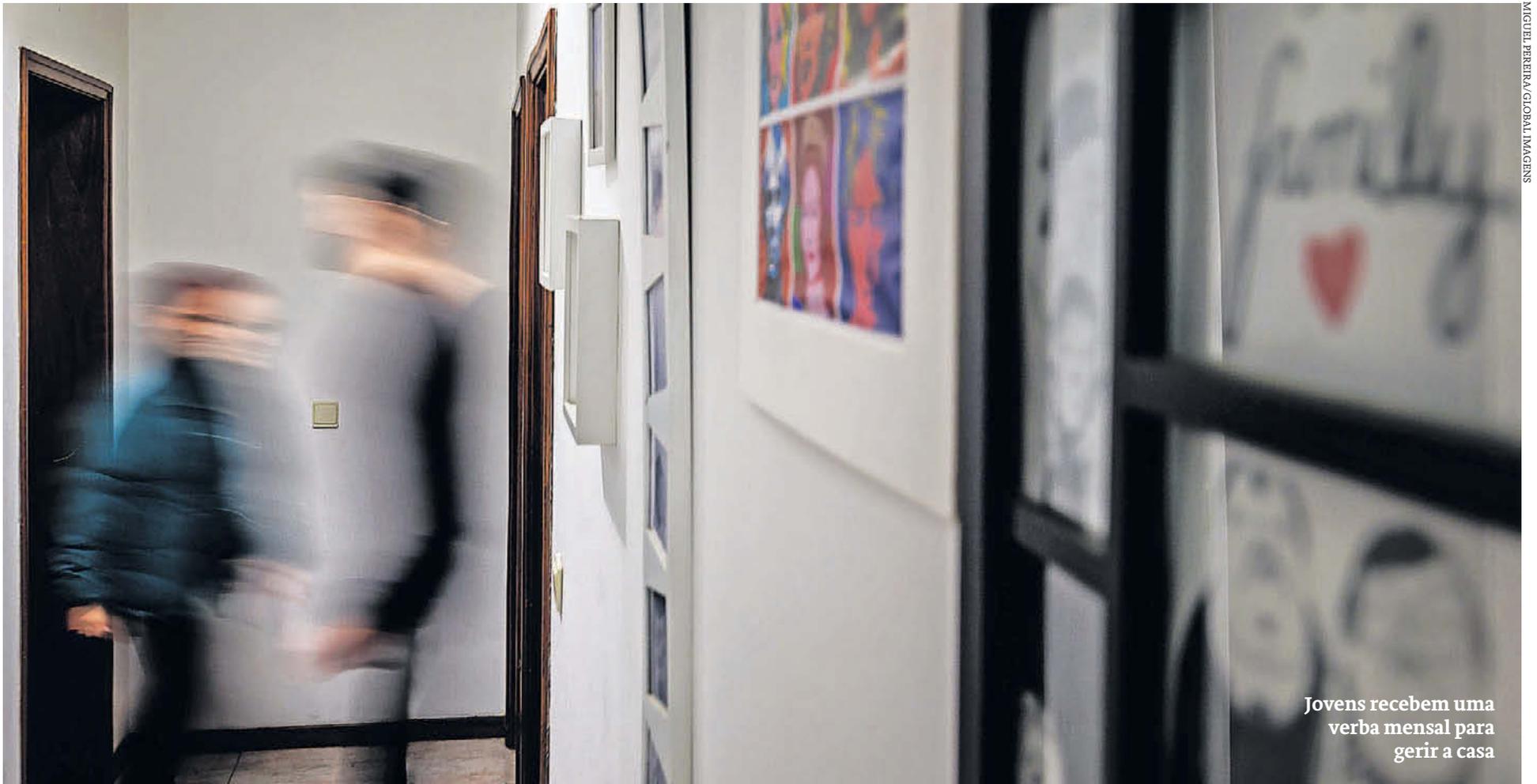


* a 1 de novembro

FONTE: RELATÓRIO CASA 2022 INFOGRAFIA JN

Peso dos apartamentos de inserção no total das respostas de acolhimento, em 2022





Jovens recebem uma verba mensal para gerir a casa

MIGUEL PEREIRA/GLOBALIMAGENS

POR *Emília Monteiro*
sociedade@jn.pt

“A maior alegria de viver fora de uma instituição é poder comprar o que queremos e a maior tristeza é perceber que está tudo tão caro, que não temos dinheiro para quase nada”. Mariana, 20 anos, institucionalizada desde os três anos de idade, vive num apartamento de autonomia há poucos meses.

A jovem estudante universitária é uma das 32 pessoas que, desde 2013, já passaram pelos dois apartamentos que a ASAS-Associação de Solidariedade e Ação Social de Santo Tirso, tem na Trofa e no concelho tirsense. “Saí do lar onde vivia e vim aprender a ser adulta no apartamento”, relata Mariana.

Com a verba mensal entregue pela Asas para a gestão da casa e uma semana para os gastos pessoais, os jovens, com uma “independência controlada”, têm de pagar serviços como água, luz e internet. São responsáveis por fazer compras para alimentação, higiene e manutenção do espaço. Sempre disponíveis para ajudar, estão os técnicos da ASAS que, não vivendo com

nos apartamentos, monitorizam o dia a dia dos jovens. “No princípio, parece que é tudo barato e que é tudo fácil, mas não é”, recorda Ana, também com 20 anos. Em setembro, deixou o apartamento de autonomia para viver numa casa próxima da família biológica.

“Quando saímos da instituição para viver sozinhas, já recebemos muita preparação para a vida real. Mesmo assim, há sempre um choque”, frisa a jovem que, desde 2014, viveu numa casa de acolhimento. A primeira sensação que Ana teve no apartamento é inesquecível: “Tanto silêncio que eu até estranhei”.

Também Mariana recorda as primeiras noites fora da

instituição onde vivia. “Estava tudo muito escuro e eu estava habituada a ter sempre luz à volta. E percebi que, nas casas das famílias, não há luz de presença”.

As compras, sobretudo de

alimentos, foram uma experiência “estranha”. “Comprava refeições pré-cozinhadas para ter menos trabalho, mas rapidamente, percebi que com o dinheiro que gastava numa refeição,

se cozinhasse, podia comprar comida para vários dias”, lembra Mariana.

ORGANIZAR O TEMPO

A história de João, de 22 anos, é um pouco diferente, embora partilhe as mesmas dúvidas e anseios de viver sozinho. “Tive ajuda no que foi necessário, consegui terminar o Secundário, arranjar o primeiro emprego e entrar na faculdade”, refere o jovem, que deixou a família com que vivia para se autonomizar. “O ambiente em que vivi era completamente diferente do que encontrei no apartamento”, descreve, frisando que, na casa onde vive agora, é tudo “para melhor”.

A gestão do tempo e do di-

nheiro são a maior luta de quem vive em casas partilhadas com outros jovens.

“Achava que tinha tempo para tudo e, rapidamente, percebi que ou acordava cedo para estudar e tratar das coisas em casa ou não conseguia fazer as coisas”, confidencia Mariana que, no ano passado, perdeu a bolsa que tinha na universidade e que, este ano, está a “trabalhar duro” para recuperar o apoio financeiro.

A falta de habitações para arrendar e a exigência do pagamento de seis meses de caução foi um problema para Ana, quando decidiu sair do apartamento de autonomia. “Fui juntando algum dinheiro, enquanto vivi no apartamento, mas nós não temos a retaguarda da família e é muito difícil, por exemplo, arranjar um fiador ou ter dinheiro para alugar uma casa”, explica a jovem, que, entretanto, conseguiu realizar o sonho de alugar uma casa.

“Temos a preocupação de que todos os jovens que deixam os apartamentos o façam depois de ter carta de condução, uma poupança financeira e o 12.º ano concluído ou uma licenciatura”, finalizou Maria do Céu Brandão, diretora dos Serviços Sociais da ASAS. ●

REPORTAGEM

Descobrir o silêncio e aprender a gerir o dia a dia de uma casa

Santo Tirso Com a orientação e o apoio financeiro da Associação ASAS, os jovens descobrem uma vida independente



Mariana 20 anos,
Estudante universitária

“Tive que aprender a gerir o tempo e o dinheiro e a deixar de ter medo do escuro e do silêncio”

Ana 20 anos,
Empregada

“Eu queria sair da instituição e viver sozinha, mas foi um choque perceber como a vida está tão cara”